

I JORNADAS DE HISTÓRIA E PATRIMÓNIO LOCAL



Câmara Municipal da Moita

TÍTULO:	I Jornadas de História e Património Local
EDIÇÃO:	Câmara Municipal da Moita
ORGANIZAÇÃO:	Teresa Rosa Silva
TEXTOS:	Maria Cândida Simplicio, Joaquina Soares, Carlos Tavares da Silva, Marisa Pires, António Gonzalez, Ricardo Santos, Manuel Batoreo, Fernando António Batista, Anísio Franco, Pedro Penteado, José Manuel Vargas, António Ventura e Leonel Coelho.
DESIGN:	Carlos Jorge
FOTO DA CAPA:	José Presumido (Retrato de D. Manuel I)
REVISÃO	Teresa Silva, Fernando António Batista, Anísio Franco, José Manuel Vargas, António Ventura, Maria Cândida Simplicio, Carlos Tavares da Silva, Marisa Pires, António Gonzalez e Ricardo Santos
DATA DE EDIÇÃO:	Novembro de 2004
TIRAGEM	500 Exemplares
IMPRESSÃO	Belgráfica
ISBN	972-95590-3-1
DEPÓSITO LEGAL	218301/04

Actas



I JORNADAS
DE HISTÓRIA
E PATRIMÓNIO LOCAL

Câmara Municipal da Moita

Gaio: Um Sítio do Neolítico Antigo do Estuário do Tejo

JOAQUINA SOARES*

CARLOS TAVARES DA SILVA**

ANTÓNIO GONZALEZ

INTRODUÇÃO

O sítio arqueológico do Gaio foi identificado por António Gonzalez, em 1994, através da observação de talude (N.-S.) criado pela exploração de inertes nos anos 40 do século XX, exploração que provocou a destruição de grande parte da jazida pré – histórica (Fig.3). Esta descoberta ocorreu em vésperas da urbanização do local, tendo ainda sido possível efectuar uma curta intervenção de salvamento arqueológico, graças à conjugação de esforços do Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal (MAEDS) e da Câmara Municipal da Moita.

As escavações decorreram de 18 de Julho a 5 de Agosto de 1994, contaram com o trabalho voluntário de um grupo de nove estudantes, na sua maioria universitários, entusiastas relativamente à defesa do património, e foram dirigidas por Joaquina Soares, em colaboração com António Gonzalez, apoiados por técnicos de arqueologia do MAEDS. Os trabalhos de topografia estiveram a cargo de Afonso de Sousa, da Câmara Municipal da Moita. A inter-

venção arqueológica viria a associar à vertente científica, uma importante componente de formação.

A tipologia dos materiais recolhidos por António Gonzalez, nos taludes resultantes da exploração de areias, indicava uma ocupação do Neolítico. A expectativa da identificação de um contexto deste período veio a concretizar-se e constituiu um acontecimento de relevo na história da zona ribeirinha da Margem Sul do Tejo, tradicionalmente considerada de povoamento recente, fortemente dependente da acção centrípeta de Lisboa. A recuperação de uma fatia do Passado remoto da Moita iria dar o seu contributo à formação do perfil identitário do Município, que o reforço do Poder Local tem vindo a reconstruir. As escavações arqueológicas vieram confirmar as expectativas; a população local envolveu-se na descoberta. O Passado, embora estranho, não era inteiramente um "outro"; a criação de pontes entre aquele e a actualidade foi quase imediata; estabeleceram-se continuidades, aparentemente improváveis; a população integrou essa realidade longínqua no seu convívio, na sua história.

* Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal. Av. Luisa Todi, 162, 2900 SETÚBAL. Email: maeds@mail.telepac.pt

** Centro de Estudos Arqueológicos, MAEDS, Av. Luisa Todi, 162, 2900 SETÚBAL.



FIGURA 1

Localização do sítio do Gaio (1) em mapa de 1902. Assinala-se também o povoado do Neolítico final da Ponta da Passadeira (2). Esc. 1:50 000.

LOCALIZAÇÃO

O sítio arqueológico do Gaio pertence ao concelho da Moita, à freguesia do Rosário/Gaio e possui as seguintes coordenadas geográficas referidas à rede geodésica nacional: 38° 40' 12" N. e 0° 5' 32" (E. de Lisboa). Instalou-se sobre areias eólicas, de cobertura de uma colina de encostas suaves, directamente banhada pelo esteiro da Moita. Possui a cota de 20m (Fig.1). O substrato geológico é constituído por arenitos alaranjados mal consolidados do Plio-pleistocénico que, lateralmente, se podem apresentar sob a forma de arenitos ferruginosos bem consolidados (encosta norte).

Na margem este do esteiro da Moita, em uma paisagem plana e baixa, fortemente recortada, o sítio do Gaio é dotado de grande visibilidade e de elevada acessibilidade fluvial à escala do sistema estuarino (Fig.2), à época provavelmente menos assoreado do que actualmente. O horizonte

visual do Gaio, amplamente aberto ao quadrante norte, domina a península do Samouco e atinge Lisboa; do lado oeste, a vista alcança o aglomerado urbano-industrial do Lavradio; para sul, avista-se a Arrábida. O atravessamento do Tejo, até Lisboa, em pequena embarcação à vela e com vento favorável, demora duas horas; a deslocação até ao sopé da Pré-Arrábida absorve cerca de duas horas e meia de marcha. Esta localização, em pleno estuário, permite supor a prática de uma estratégia de subsistência fortemente ancorada nos recursos marino-estuarinos, e de uma integração social assente em contactos por via fluvial.

No que se refere à paisagem vegetal, a região seria extensamente florestada por pinhais, como sugerem os estudos polínicos realizados para a Lagoa de Albufeira-Estacada (Queiroz, 1989).



FIGURA 2

Fig. 2 – Vista do sítio arqueológico do Gaio, para oeste, com o local da escavação em primeiro plano e o esteiro da Moita, em segundo plano.



FIGURA 3

Área da antiga exploração de areias que destruiu a maior parte da jazida arqueológica.

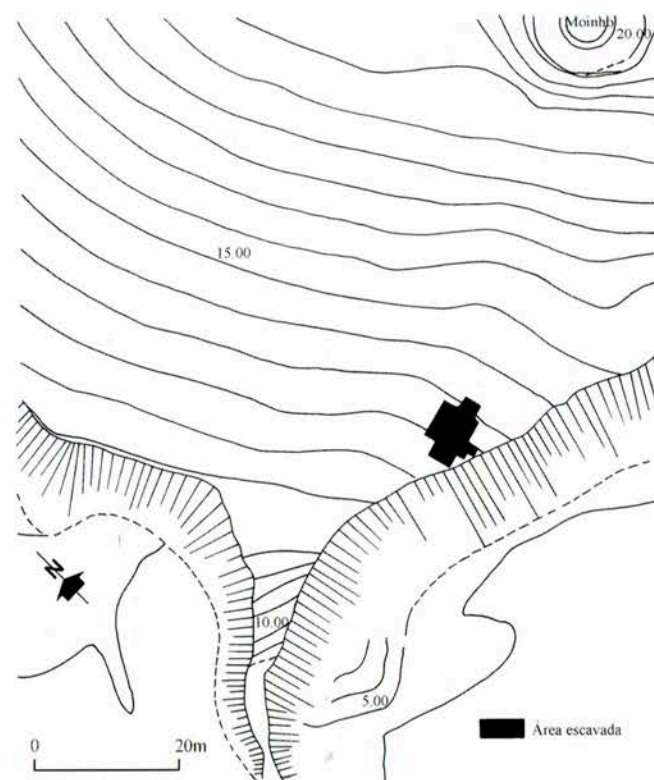


FIGURA 4

Gaio, 1994. Levantamento topográfico com a localização da área escavada.

ESTRATIGRAFIA E ESTRUTURAS DOMÉSTICAS

Escavaram-se 41m², nos sectores XXI e XXII, atingindo-se a profundidade máxima de 1,60m. Realizaram-se ainda várias sondagens distribuídas pela área com provável interesse arqueológico, que se mostraram pouco frutíferas; a parte central do povoado havia desaparecido através da já referida exploração de inertes, nos anos 40 do século XX. A nossa intervenção arqueológica, de salvamento, incidiu, pois, em uma área periférica do povoado. A maior densidade de artefactos observou-se junto ao talude da antiga exploração de areias (Fig. 3) e decaía rapidamente para nascente daquele.

A escavação revelou (Fig. 5) a seguinte estratigrafia (de cima para baixo):

C.1A – Esp. 0,15-0,25m. Areia argilosa amarelada, muito revolvida pelas lavouras recentes. Forneceu cerâmica neolítica e dos períodos moderno e contemporâneo.

C.1B – Esp. muito irregular: 0,20-0,50m. Areia acinzentada, igualmente perturbada por trabalhos agrícolas. Predominam as cerâmicas dos séculos XIX - XX.

C.1C – Esp. muito irregular: 0,10-0,50m. Areia branca, eólica, arqueologicamente estéril.

C.1D – Esp. irregular: 0,15-0,35m. Areia acinzentada escura, rica em matéria orgânica. Cerâmica atribuível ao século XVII, restos de cozinha (ossos e conchas de moluscos marino-estuarinos) e macrorrestos vegetais carbonizados (*Pinus pinea* e *Quercus* sp.).

C.2 – Esp. irregular (o topo foi abarrancado): 0,05-0,25m. Areia alaranjada, embalando numerosos artefactos do Neolítico antigo evolucionado e, na base da camada, estruturas de *habitat*. Ligeiramente inclinada de este para oeste. Muito lixiviada, não forneceu quaisquer restos faunísticos.

C.3 – Esp. indeterminada. Arenito argiloso alaranjado e mal consolidado, coroado por nível de areias eólicas de cor branca sobre o qual assentou a ocupação neolítica.

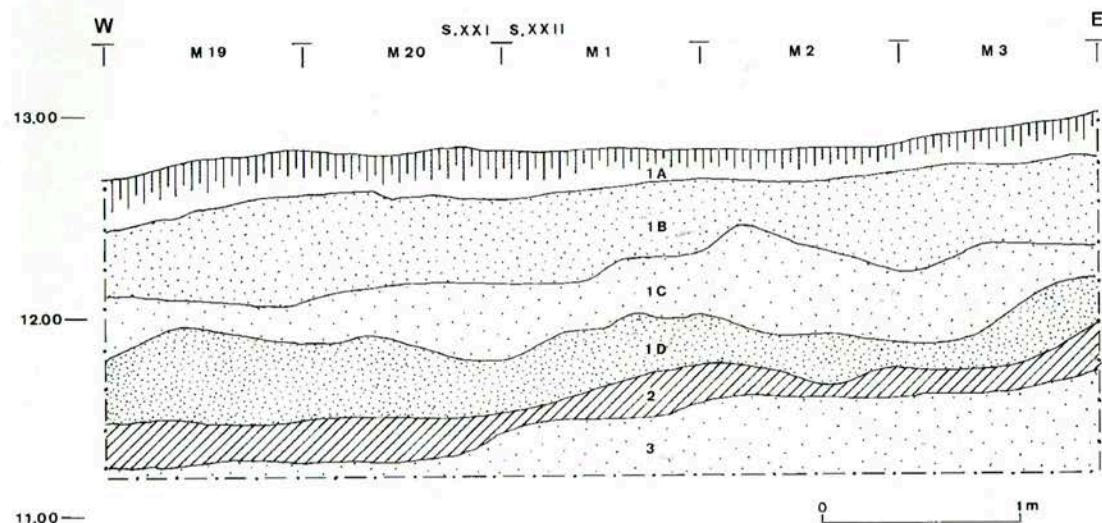


FIGURA 5

Gaio, 1994. Perfil Norte dos Quadrados M19-20 (sector XXI) e M1-3 (Sector XXII).

Esta sequência estratigráfica mostra-nos que, no Neolítico antigo (C.2), um grupo humano se estabeleceu no local, sobre uma formação de areias dunares (topo da C.3). No século XVII, o local estaria, em grande parte, desarboreado e sujeito a forte erosão responsável pela obliteração do paleossolo e pelo abarracamento da camada correspondente à ocupação neolítica. Nas depressões então formadas, acumulam-se lixos domésticos com restos faunísticos, carvões e cerâmicas, originando depósito de areias cinzento-escuras, ricas em matéria orgânica (C.1D). Após esta fase, o local fica sujeito a uma dinâmica de acumulação de areias eólicas (C.1C), talvez em resultado da intensificação da desflorestação atrás referida.

Durante o século XIX é construído um moinho de vento no ponto de cota mais elevada e o local deve ter passado a ser agricultado, apesar da baixa fertilidade do solo, corrigida por estrumeação que teria trazido para a área materiais diversos (Cs. 1B e 1A).

Na camada de ocupação neolítica foram postas a descoberto estruturas de combustão e dois presumíveis

orifícios de poste, que claramente confirmam a vocação residencial do sítio neolítico do Gaio (Figs. 8 e 9). As estruturas domésticas diferenciam-se em três grupos:

- Concentrações pouco densas de termoclastos (seixos de quartzo com fracturas de origem térmica e pequenos blocos de arenito ferruginoso) que preenchiam fossas pouco profundas (0,10m de profundidade máxima), de planta subcircular (diâmetro ca. 0,50 - 0,60m). Os termoclastos eram embalados por areia concrecionada por acção do fogo (lareiras - estruturas 3, 4, 8 e 9).
- Fossas mais profundas (ca. 0,2m de profundidade) e de planta subcircular, repletas de areia carbonosa, com raros termoclastos (cinzeiros - estruturas 1,2, 5, 6A e 6B).
- Anel de blocos de arenito ferruginoso, alguns dispostos na vertical, de forma a reforçarem postes com cerca de 0,15m de diâmetro (estruturas 7A e 7B)

Lareiras e cinzeiros parecem encontrar-se associados. Assim, as estruturas 6A e 6B poderiam ter estado relacionadas com as lareiras 3 e 4 e o cinzeiro 5, com a lareira 8.



FIGURA 6

Gaio, 1994. Aspecto da escavação.



FIGURA 7

Gaio, 1994. Escavação da estrutura 4.

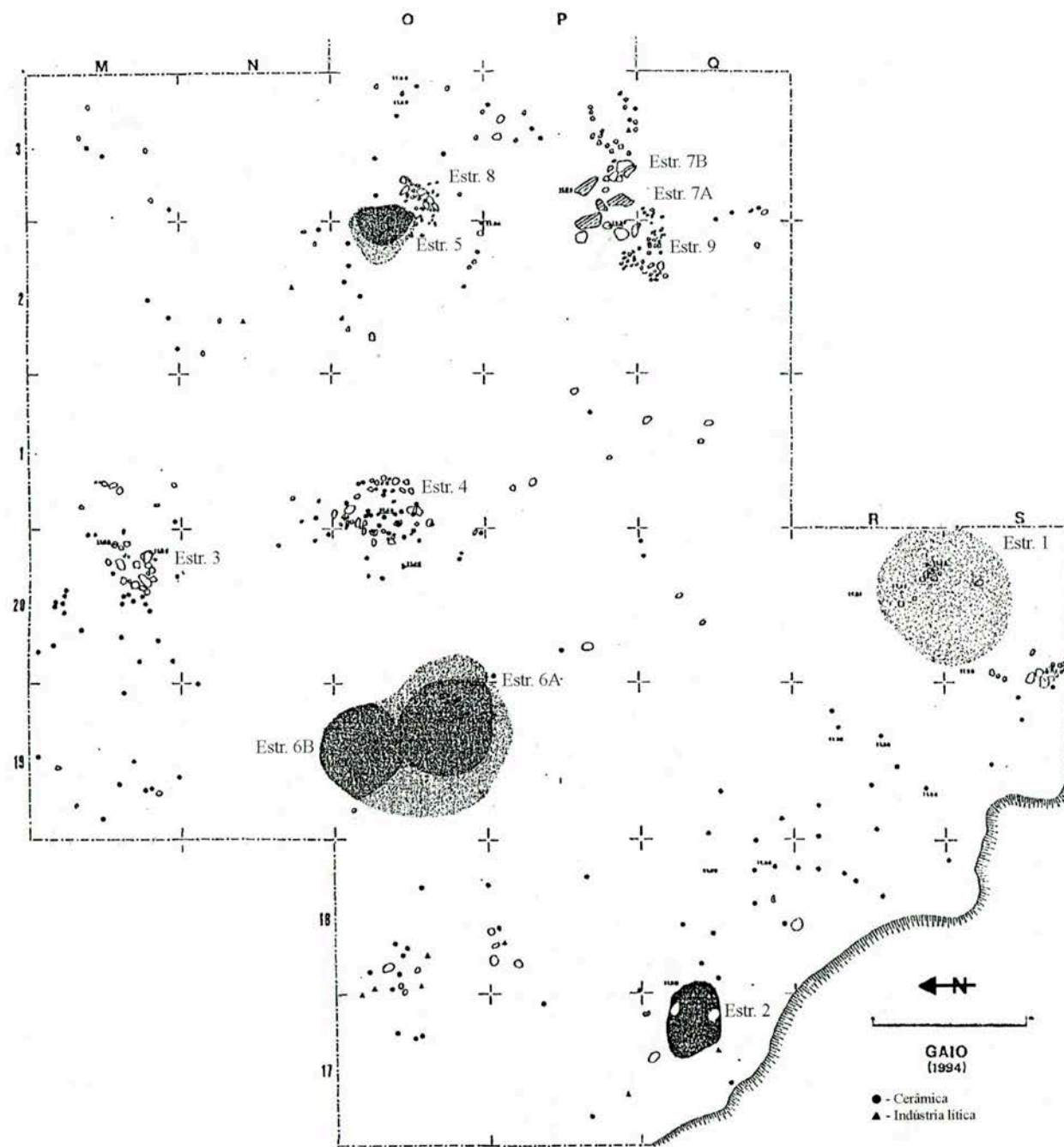


FIGURA 8

Gaio, 1994. Planta da área escavada.

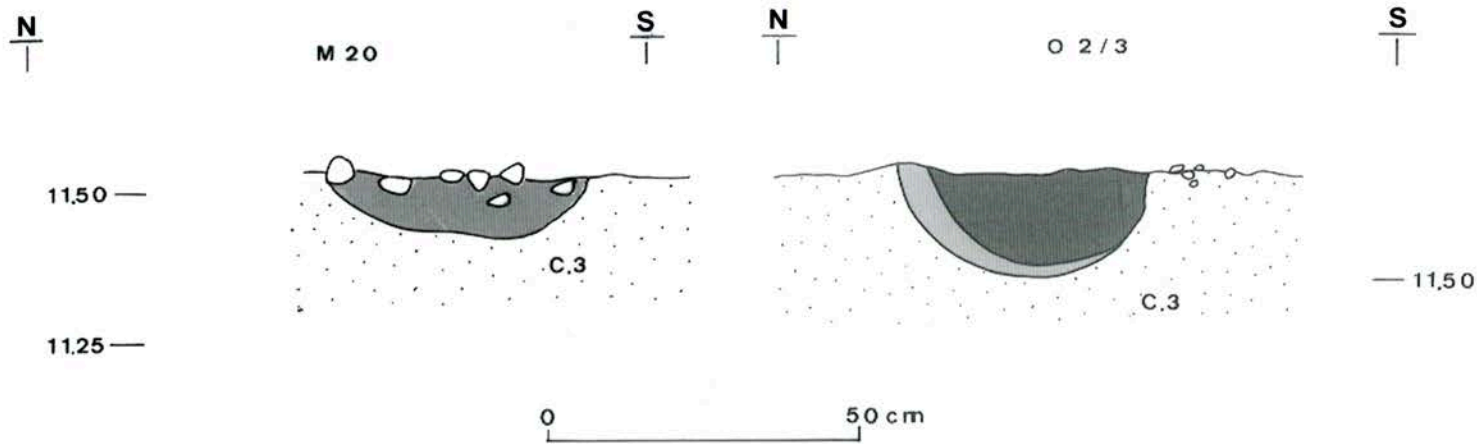


FIGURA 9

Gaio, 1994. Perfis das Estruturas 3 (Q. M20) e 5 (Qs. O 2/3).

Em torno das lareiras desenvolver-se-iam as principais actividades domésticas: preparação dos alimentos e manufactura da utensilagem lítica, como ficou documentado pela distribuição do espólio e pelas técnicas de talhe do sílex que incluem aquecimento da matéria-prima.

A escassez de pedra no local tem expressão na pobreza dos termoclastos que preenchem as lareiras. Seriam os acumuladores térmicos desnecessários face a uma hipotética superabundância de lenha?

Os dois prováveis orifícios de poste, geminados, documentariam a construção de habitações ligeiras, por hipótese subsidiárias de espaços domésticos de ar livre, bem mais alargados.

INDÚSTRIA LÍTICA

DISTRIBUIÇÃO

A área escavada em extensão no sítio do Gaio foi reduzida. Deste modo, as análises de distribuição espacial dos artefactos estão fortemente condicionadas por esse constrangimento. Apesar de tal limitação, verificámos que a distribuição da indústria lítica não obedecia a um padrão aleatório, nem tão pouco idêntico ao da cerâmica (Fig. 10). Com efeito, a segunda maior concentração de artefactos líticos observou-se na área correspondente às estruturas de combustão 5 e 8, área onde a cerâmica se mostrou escassa. É muito provável que o espaço polarizado pela lareira 8 se tenha especializado no talhe da pedra.

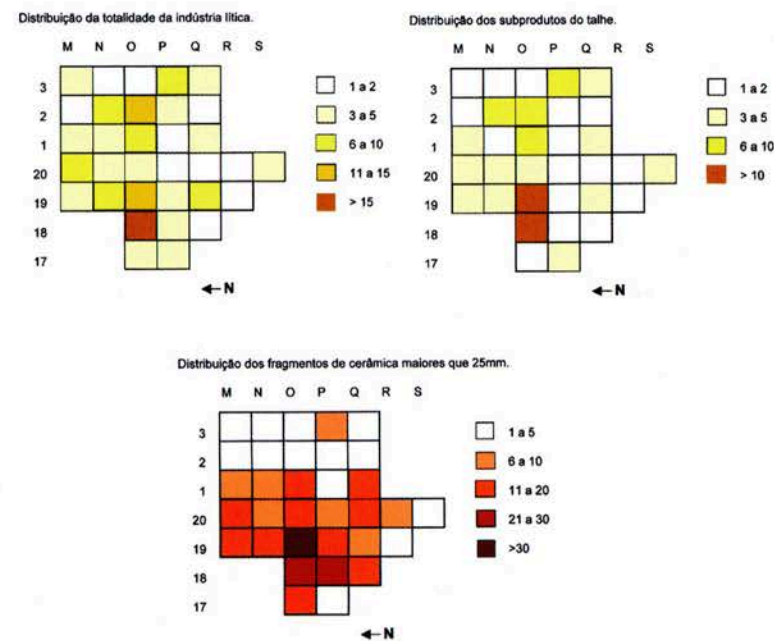


FIGURA 10

Gaio, 1994. Distribuição espacial dos espólios lítico e cerâmico na camada 2.

A área de maior densidade de peças líticas coincide, porém, com a estrutura 6A-6B, e com a mancha de maior densidade de cerâmica. Trata-se de um espaço de maior diversidade funcional que o anterior, onde as práticas culinárias deveriam, por hipótese, ser dominantes.

A estrutura I parece não ter constituído um foco preferencial de actividades artesanal ou culinária. Nessa área não se registaram concentrações de indústria lítica ou de cerâmica, facto que parece apontar para uma lareira de curta duração ou com outras funções.

ECONOMIA DAS MATÉRIAS-PRIMAS

O *habitat* do Gaio localiza-se, como já se referiu, sobre areias eólicas que assentam sobre arenitos plio-pleistocénicos, em geral mal consolidados, os quais, lateralmente, podem apresentar concreções ferruginosas. Em uma pequena extensão do sítio arqueológico afloram arenitos ferruginosos. O local é, pois, desprovido de matérias-primas com interesse para a produção de artefactos líticos. A escassez de rochas consolidadas na região foi colocada em evidência não só através da análise da indústria lítica, mas também no que concerne às próprias estruturas domésticas.

A indústria em pedra polida e bojardada encontra-se representada por um fragmento de instrumento em pedra polida e uma pequena lasca de um outro, manufacturados a partir de rochas ígneas de provável origem alentejana e pelo fragmento de um provável polidor em arenito, de origem regional.

A indústria em pedra lascada foi, na sua esmagadora maioria, manufacturada sobre sílex (72,9% da totalidade dos artefactos líticos). Segue-se, por ordem decrescente (Quadro I), o quartzo leitoso (24,6%), explorado a partir de seixos transportados pelo rio, que se comporta como substituto do sílex; o quartzito, ao contrário do que se poderia supor, face à sua disponibilidade regional e local, sob a forma de seixos rolados, detém uma frequência muito baixa. O desinteresse por esta rocha explica-se pela estratégia tecnológica desenvolvida, em consonância com o carácter estável do povoado. Com efeito, o subsistema tecnológico expedito não tem expressão, à excepção de uma macro-lasca não retocada, que não foi considerada na análise tipométrica da indústria em pedra lascada. A indústria lítica do Gaio pertence, claramente, ao subsistema tecnológico uso-intensivo ou conservacionista (Soares, 1995).

QUADRO I. Gaio. Indústria Lítica. Matérias-primas

Mátéria-prima	N	%	Peso (gr.)
Sílex	151	72,9	323,0
Quartzo	51	24,6	235,9
Quartzito	2	1,0	45,3
Rochas ígneas	2	1,0	92,0
Arenito	1	0,5	43,8
Total	207	100,0	740,0

O sílex chegou ao povoado através de nódulos sem e com rolamento fluvio-marinho. O rio deverá, pois, ter desempenhado um papel não negligenciável enquanto fonte de aprovisionamento de matérias-primas. Apesar da maior parte das peças não conservar córtex (74,5%) e de apenas 5 peças (2,5%) possuírem córtex em mais de 50% do anverso (Quadro II), detectaram-se vestígios de rolamento fluvio-marinho no córtex de 27 exemplares, num total de 48 casos onde foi possível determinar a existência ou ausência daquele tipo de alteração.

QUADRO II. Gaio. Indústria em pedra lascada. Frequência de superfícies corticais.

Córtex	N	%
Vestigial	2	0,9
< 25%	32	15,7
25-50%	13	6,4
> 50%	5	2,5
sem córtex	152	74,5
Total	204	100,0

O sílex utilizado mostrou-se diversificado quer na textura, quer na cor. Quanto ao primeiro aspecto detectaram-se três variantes principais, sendo duas muito raras: sílex translúcido de textura micro-cristalina (1 ex.); sílex grosseiro, com prováveis vestígios de xistosidade, correntemente designado por chert (2 ex.). A terceira variante corresponde à quase totalidade dos artefactos em sílex e é de razoável qualidade, mostrando textura fina e opaca. Atendendo à diversidade cromática, observada em 151 artefactos de sílex (Quadro III), constatou-se que o sílex branco e acinzentado detém cerca de 43% da totalidade dos exemplares. O sílex de tonalidades acastanhadas surge em cerca de 42% dos exemplares. O sílex avermelhado,

mais ou menos claro, está presente em cerca de 15% da amostra analisada. Os dois primeiros grupos considerados podem ser originários da cordilheira da Arrábida e/ou das formações calcárias da Península de Lisboa; o terceiro grupo cromático poderá ter a sua origem no maciço calcário estremenho.

No seu conjunto, a indústria lítica do Gaio revela uma

gestão conservacionista ou uso-intensiva da matéria-prima. Os núcleos foram explorados até ao seu esgotamento, alguns produtos residuais ou subprodutos foram mesmo retomados e transformados pelo retoque. O índice de transformação [utensílios transformados pelo retoque e pelo uso/(subprodutos de talhe + produtos de debitage) x100] é relativamente elevado: 36,6.

QUADRO III. Gaio. Indústria em pedra lascada. Sílex. Cor.

Cor	N	Cor	N
5 R 4/2; 5 R 4/1; 10 R 4/2	3	10 YR 6/2; 5 R 6/2; 5 R 8/2	3
5 R 4/2; 5 R 5/2	1	10 YR 6/2; 5 Y 7/2; N8	1
5 R 6/2; 10 R 6/2	1	10 YR 6/2; 5 YR 4/1	1
5 R 6/2; 10 YR 6/2; 10 YR 8/2; 10 R 3/4	2	10 YR 6/2; 5 YR 4/1; 5 YR 8/1; 10 YR 8/2	1
5 R 6/2; 5 YR 8/1	1	10 YR 6/3	1
5 R 8/1; 5 R 6/2; 5 R 4/2	1	10 YR 6/3; 10 YR 7/3; 10 YR 7/2	5
5 R 8/1; SR 6/1	1	10 YR 8/2	5
5 R 8/2; 10 R 6/2; N8	3	10 YR 8/2; 10 YR 7/4; 10 YR 6/2	7
5 R 8/2; 5 R 6/2	1	10 YR 8/2; 5 YR 5/2; N5	1
10 R 3/4; 10 R 7/4; 10 R 5/4	1	10 YR 8/2; 5 YR 6/1	1
10 R 3/6; 10 YR 7/4	1	10 YR 8/2; 5 YR 7/2	1
10 R 4/2; 10 YR 8/2	1	10 YR 8/4	1
10 R 4/4	1	2.5 Y 5/1	3
10 R 5/2	1	2.5 Y 7/2	1
10 R 4/2; N8	1	2.5 Y 8/1	1
2.5 YR 4/2	1	2.5 Y 8/2; 2.5 Y 5/2	1
2.5 YR 5/1; 2.5 YR 8/1	1	5 Y 6/1	1
2.5 YR 6/1; 2.5 YR 4/1; 2.5 YR 5/6	1	10 Y 3/1	1
5 YR 3/2	1	5 PB 3/2; N6; N5	1
5 YR 4/1; N5	4	5 PB 7/2; 5 PB 5/2	1
5 YR 4/2; N8	1	5 RP 5/2; 5 YR 4/1	1
5 YR 4/4; 10 YR 8/2	1	5 RP 6/2; 5 RP 4/2; 5 RP 8/2	1
5 YR 5/6; 5 Y 7/2	1	N5; N4; 5 YR 8/1; 10 YR 5/2	1
5 YR 6/1; N8	3	N5; N4; N3	1
5 YR 7/2; 10 YR 6/2	2	N6; N7; 5 YR 6/1	1
7.5 YR 5/1; 7.5 YR 6/2; N6	1	N6; 5 Y 8/1	1
7.5 YR 5/3	1	N6; 5 YR 4/1; 10 YR 6/2; 5 YR	1
10 YR 2/2	1	N6; 5 YR 4/1; 10 YR 6/2; 5 YR 3/1	1
10 YR 4/1; 10 YR 5/1	4	N6; N5; N4	4
10 YR 4/2 (translúcido)	1	N7; N6; 5 P 6/2	1
10 YR 4/2; 10 YR 2/2	1	N8-N5	21
10 YR 5/1; 10 YR 8/1	1	N8; N4	1
10 YR 6/1; 10 YR 6/2	4	N8; N7; 10 YR 7/1; 10 YR 6/1	2
10 YR 6/2; 10 YR 4/2; 10 YR 5/1	2	N8-N6; 10 YR 8/2-6/2; 10 YR 6/4	14
10 YR 6/2; 10 YR 7/4	3	N8; N7; 5 YR 8/1; 2.5 Y 8/1	7
		Total	151

TÉCNICAS DE TALHE

A actividade de talhe encontra-se muito bem documentada no sítio do Gaio, em moldes próprios de um estabelecimento relativamente estável, onde a relação centesimal recipientes cerâmicos/instrumentos líticos apresenta um valor elevado (79%). O número de núcleos, resíduos e produtos residuais (118) corresponde a 57,8% da totalidade dos artefactos em pedra lascada (Quadros IV e V).

QUADRO IV. Gaio. Indústria em pedra lascada. Núcleos, subprodutos de talhe e produtos de debitação. Dimensões médias em mm e pesos em gr.

Tipo	N	%	L. máx.	L. máx.	esp. máx.	e/l	Peso
			\bar{X}	\bar{X}	\bar{X}	\bar{X}	
Núcleos	10	4,9%	31,5 ± 8,5	33,8 ± 10,1	20,5 ± 8,3	0,7 ± 0,1	271,0
Resíduos	24	11,8%	17,1 ± 5,0	11,6 ± 5,0	5,2 ± 3,4	0,4 ± 0,2	36,3
Lascas residuais	71	34,8%	11,3 ± 3,4	10,0 ± 4,3	2,8 ± 1,5	0,3 ± 0,2	23,6
Lascas acond. núcleos	12	5,9%	20,6 ± 6,0	22,7 ± 6,0	6,4 ± 2,4	0,3 ± 0,1	35,4
Lamelas de crista	1	0,5%	26,0	13,0	4,0	0,3	0,8
Lascas n/retocadas	13	6,4%	31,6 ± 8,8	18,7 ± 10,5	6,1 ± 5,1	0,3 ± 0,1	61,5
Lamelas n/retocadas	21	10,3%	19,4 ± 6,2	7,3 ± 1,7	2,2 ± 0,7	0,3 ± 0,1	3,1

L. máx – comprimento máximo das peças inteiras; L. máx. – Largura máxima; esp. máx – espessura máxima (bolbo excluído); e/l – índice de adelgaçamento (esp. máx./larg. máx.).

QUADRO V. Gaio. Indústria em pedra lascada. Dimensões médias em mm das principais categorias morfofuncionais.

	N	%	\bar{X}		e
			L	l	
Núcleos	10	4,9	31,5 ± 8,5	33,8 ± 10,1	20,5 ± 8,3
Subprodutos de talhe	108	52,9	13,9 ± 6,2	11,8 ± 6,2	3,7 ± 2,5
Produtos de debitação	34	16,7	24,8 ± 9,5	11,0 ± 8,0	3,7 ± 3,6
Utensílios com vestígios de uso	9	4,4	25,4 ± 6,8	18,2 ± 10,2	5,4 ± 2,4
Utensílios retocados	43	21,1	22,7 ± 11,0	13,4 ± 8,3	4,9 ± 3,9

Os núcleos, em número de 10 (4,9%), embora pouco numerosos, permitem avaliar as opções metodológicas do talhe lítico desenvolvido pelo grupo humano que ocupou o Gaio. Estão presentes nódulos com rolamento fluvio-marinho que ostentam levantamentos descontínuos em resultado de experiências de debitação não prosseguidas, quer por limitações impostas pela matéria-prima, quer porque tenham servido propósitos imediatistas ou expeditos, de extracção de lascas que não requeriam prefiguração nuclear. Aquelas peças foram classificadas como núcleos atípicos.

Um outro conjunto de núcleos ostenta uma morfologia irregular; a sua massa é sulcada por negativos, em geral de lascas, por vezes segmentando módulos de extracções la-

melares; possuem mais do que um plano de percussão e elevado grau de exaustão; são núcleos abandonados, em geral por esgotamento, mas onde é por vezes possível remontar até ao volume de configuração prismática que terá estado na sua origem.

Os núcleos prismáticos estão representados por 4 exemplares; um exemplar, em particular, possui o característico flanco canelado, resultante da extracção de lamelas.

O processo de debitação a partir de volumes prismáti-

cos parece ter sido, no Gaio, o mais utilizado, facto que está de acordo com as fases subsequentes do processo produtivo que visava a obtenção de suportes alongados ou de carácter lamelar.

Os produtos de debitação são constituídos por 13 lascas e por 21 lamelas. No conjunto de utensílios com vestígios de uso e retocados, foram utilizadas 30 lascas, 19 lamelas, 1 lâmina estreita e duas lâminas. Os três suportes laminares, com larguras compreendidas entre os 14mm e os

FIG. 11 – Gaio. Indústria em pedra lascada. Comprimento das lascas inteiras

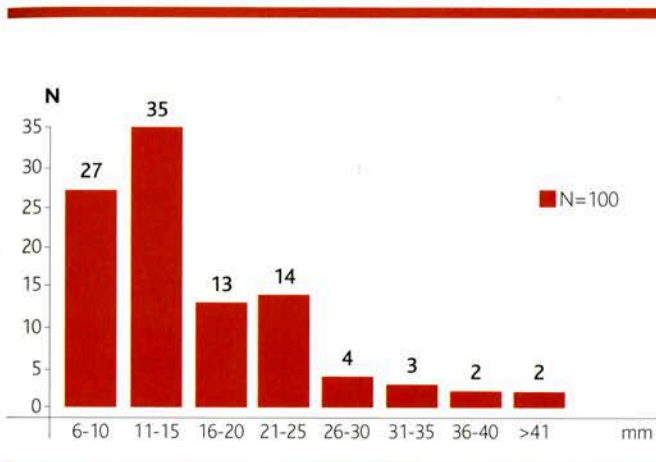


FIG. 12 – Gaio. Indústria em pedra lascada. Largura das lascas.

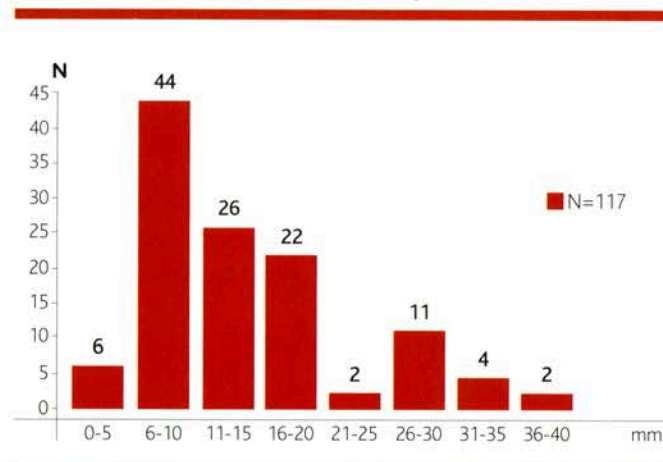


FIG. 13 – Gaio. Indústria em pedra lascada. Índice de adelgaçamento das lascas (e/l).

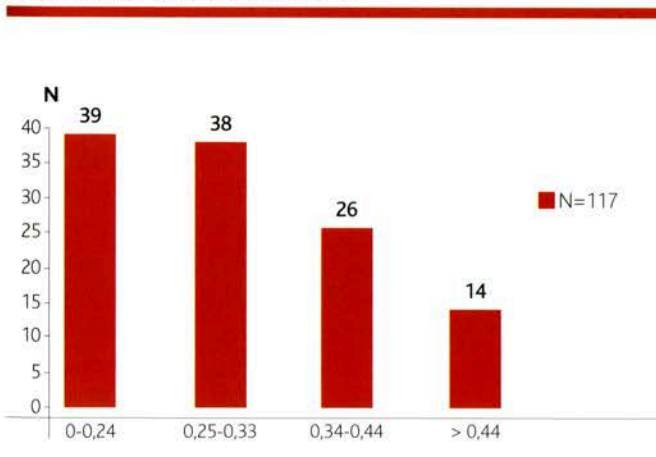
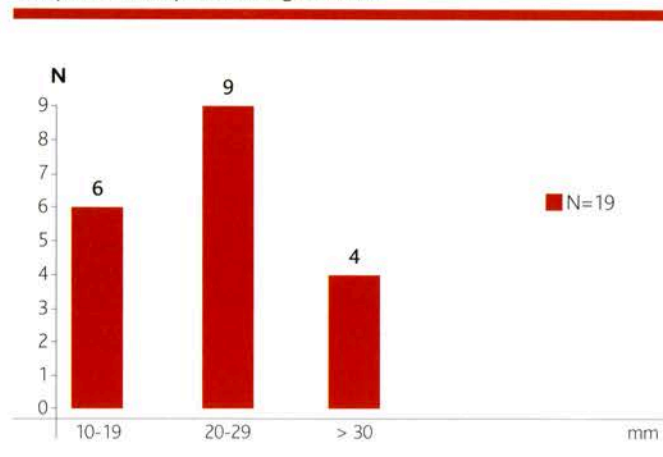


FIG. 14 – Gaio. Indústria em pedra lascada. Comprimento dos produtos longos inteiros.



Classe de e/l: 0-0,24 – peças finas e muito finas; a espessura é inferior a 1/4 da largura.
 0,25-0,33 – peças de espessura média; a espessura varia entre 1/4 e 1/3 da largura.
 0,34-0,44 – peças espessas; espessura superior a 1/3 e inferior a 1/2 da largura.
 > 0,44 – peças muito espessas; espessura igual ou superior a 1/2 da largura.

FIG. 15 – Gaio. Indústria em pedra lascada. Largura dos produtos longos.

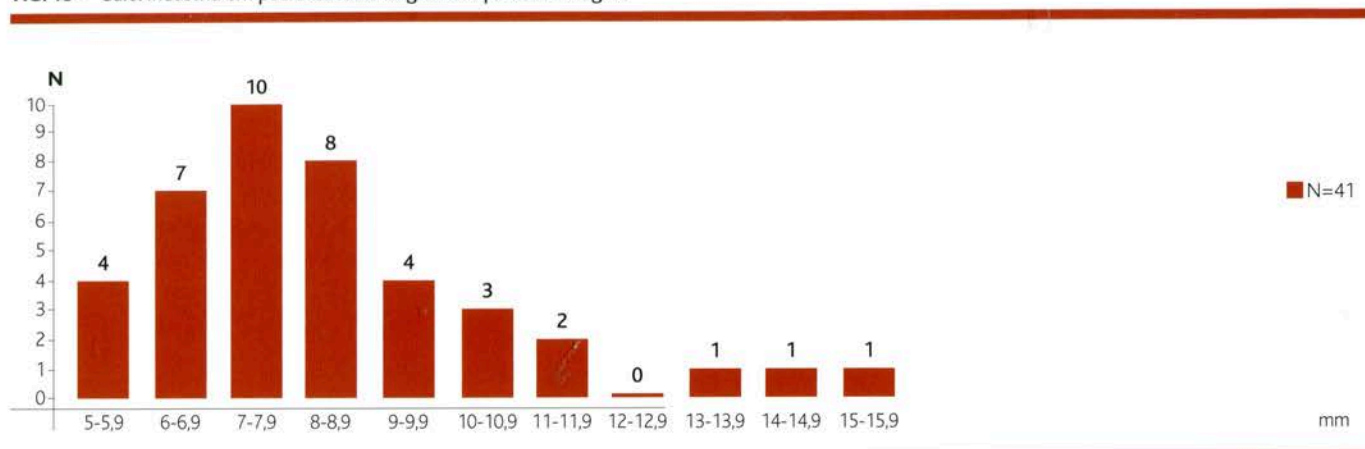
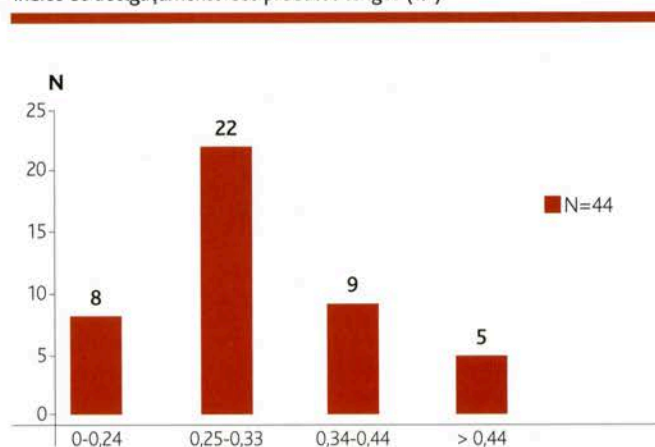


FIG. 16 – Gaio. Indústria em pedra lascada. Índice de adelgaçamento dos produtos longos (e/l).



Classe de e/l: 0-0,24 – peças finas e muito finas, a espessura é inferior a 1/4 da largura.
 0,25-0,33 – peças de espessura média; a espessura varia entre 1/4 e 1/3 da largura.
 0,34-0,44 – peças espessas; espessura superior a 1/3 e inferior a 1/2 da largura.
 > 0,44 – peças muito espessas; espessura igual ou superior a 1/2 da largura.

17mm, destinaram-se à manufactura de uma lâmina estreita de bordo abatido parcial e de um geométrico rectangular; a terceira lâmina, utensílio de corte, possui vestígios de uso em um dos gumes laterais.

É possível documentar todas as fases da actividade de talhe no Gaio (Quadros IV, V e IX). Surgiram subprodutos de preparação e de avivamento ou rejuvenescimento de núcleos, genericamente designados por peças de acondicionamento de núcleos, das quais destacamos, pela sua expressividade, as lascas de descorticamento primárias ou

de primeira geração e as lascas e lamela de crista. O elevado número de lascas não retocadas de comprimento igual ou inferior a 20mm, que incluímos na categoria de lascas residuais e os módulos tipométricos obtidos para os subprodutos de talhe (Quadros IV e V) não deixam dúvidas quanto ao carácter local da actividade de talhe da pedra. As lascas mostram dimensões médias reduzidas (Figs. 11 a 13) e os produtos alongados confirmam o carácter microlítico da indústria do Gaio. Obedeceram a padrões tipométricos curtos, estreitos e pouco espessos (Figs. 14 a 16). A maior parte dos exemplares possui comprimento inferior a 30mm, largura compreendida entre 7 e 8 mm (24,4 %) e índice de adelgaçamento (espessura/largura) médio, entre 0,25 e 0,33 (50 %).

Foi possível proceder, para o Q. O18, à remontagem de duas lascas (GM/402 e GM/407) e associar a lasca com retoque marginal e parcial (GM/405) ao núcleo GM/406.

No que concerne às técnicas de debitação, das quais foi possível observar indícios em 144 peças, verificou-se o recurso ao aquecimento prévio da matéria-prima em 29 exemplares (20,1 %), a fim de dilatar as ligações intermoleculares do sílex e desse modo facilitar a extracção. A percussão indirecta terá sido a técnica mais utilizada (57,6 %). Em 9 (6,3 %) casos é muito provável que tenha sido utilizada a técnica da pressão. A prática da percussão directa poderá ter ocorrido em 23 exemplares (16 %).

A reconstituição das técnicas de debitação comporta muitas dúvidas, face à conjugação de variáveis que nem sempre deixam marcas de interpretação inequívoca: aque-

QUADRO VI. Gaio. Indústria em pedra lascada. Tipos de talão

Talão	Lascas	Produtos longos	Total
Cortical	8		8
Liso	27	4	31
Diedro	3		3
Facetado	19	8	27
Reduzido	43	14	57
Total	100	26	126

QUADRO VII. Gaio. Indústria em pedra lascada. Tipos de bolbo.

Bolbo	Lascas	Produtos longos	Total
Difuso	27	14	41
Médio	31	8	39
Parcialmente eliminado	26	5	31
Proeminente	22	1	23
Total	106	28	134

cimento prévio da matéria-prima/dureza de percutor/mo-
do de actuação da força extractiva/ângulo de incidência/
preparação da plataforma do núcleo, etc.

A análise das zonas proximais conservadas em lascas e produtos longos (Quadros VI e VII), num total de 126 observações, mostrou que os talões facetados e reduzidos representam 84 exemplares (66,7 % da amostra); nos 134 exemplares em que foi possível observar o bolbo, este apresentava-se difuso em 41 exemplares (30,6 %), medianamente desenvolvido em 39 (29,1 %) e proeminente apenas em 22 casos (16,4 %).

A técnica do microburil não se encontra documentada na amostra.

UTENSILAGEM

Incluimos na categoria de utensílios ou instrumentos não só os produtos de debitagem transformados pelo retoque, mas também os efectivamente utilizados, em geral como utensílios de corte, e que possuem vestígios desse uso (Quadro VIII). As lamelas com lustre de cereal, associado ou não a retoque, configuram um grupo artefactual de grande especificidade funcional que justifica a criação de um grupo tipológico próprio.

Em um total de 52 peças, que correspondem a mais de um quarto (25,5%) da totalidade dos artefactos em pedra lascada, foram usados suportes lamelares em 36,5%, su-

QUADRO VIII. Gaio. Lista tipológica da utensilagem lítica.

Tipo	N	%
Furadores	1	1,92
Furador espesso s/lasca	1	
Raspadores	4	7,69
Raspador s/lasca	4	
Buris	3	5,77
Buril de ângulo s/lasca	2	
Buril diedro s/ frag. lasca	1	
Peças de bordo abatido	8	15,38
Lasca de bordo abatido	2	
Lâmina estreita de bordo abatido parcial	1	
Lamela de bordo abatido apontada	1	
Lamela de bordo abatido rectilíneo	2	
Truncatura s/ lamela	2	
ENTALHES E DENTICULADOS	10	19,23
Entalhe s/lasca	5	
Denticulado s/lasca	3	
Denticulado s/lamela	2	
Peças c/retoque simples, marginal e parcial	6	11,54
Lasca c/retoque simples, marginal e parcial	3	
Lamela c/retoque simples, marginal e parcial	3	
Peças com lustre de cereal	3	5,77
Lamela c/lustre de cereal	3	
Geométricos	3	5,77
Segmento de círculo	2	
Geométrico rectangular	1	
Diversos	5	9,62
Ponta atípica s/lasca	2	
Ponta atípica s/lamela	1	
Lasca c/retoque invasor	2	
Peças c/vestigios de uso	9	17,31
Lasca c/vestigios de uso	5	
Lamela c/vestigios de uso	3	
Lâmina c/vestigios de uso	1	
Total	52	100,0

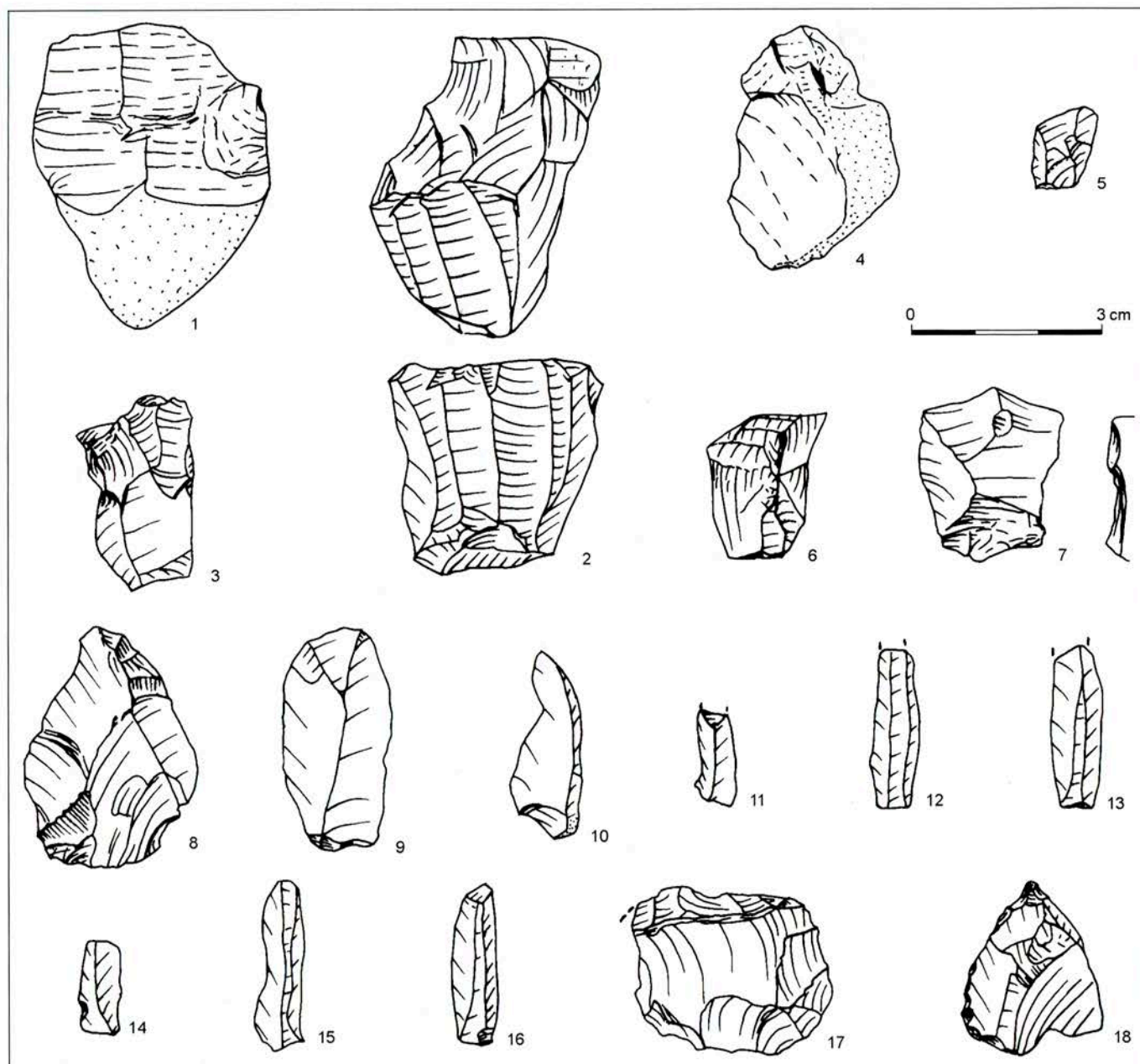


FIGURA 17 – Gaio, 1994. Indústria em pedra lascada. **1** – Núcleo sub-prismático com um plano de percussão, sobre seixo rolado de quartzo leitoso; **2** – Núcleo prismático, de lamelas, em sílex; **3** – Núcleo exausto, em sílex; **4** – Lasca não retocada em quartzo leitoso (seixo rolado), com talão diedro e bolbo difuso; **5** – Lasca residual em sílex; **6** – Lasca de crista, em sílex; **7** – Lasca de acondicionamento de núcleo, em sílex; **8** – Lasca não retocada, em sílex; **9** – Lâmina curta não retocada, em sílex; **10** – Lamela irregular, não retocada, em sílex; **11** – Fragmento proximal de lamela, não retocado, com talão facetado e bolbo difuso; **12** – Lamela não retocada, em sílex, fragmentada na extremidade distal, com talão reduzido e bolbo parcialmente eliminado; **13** – Lamela não retocada em sílex, fragmentada na extremidade distal, com talão liso e bolbo médio; **14** – Lamela não retocada, em sílex, com talão liso e bolbo difuso; **15** – Lamela não retocada, em sílex, com talão facetado e bolbo médio; **16** – Lamela não retocada, em sílex, com talão reduzido e bolbo difuso; **17** – Raspador sobre lasca, em sílex, com talão facetado e bolbo proeminente; **18** – Instrumento múltiplo (furador e raspador) sobre lasca, em sílex, com talão facetado e bolbo difuso.

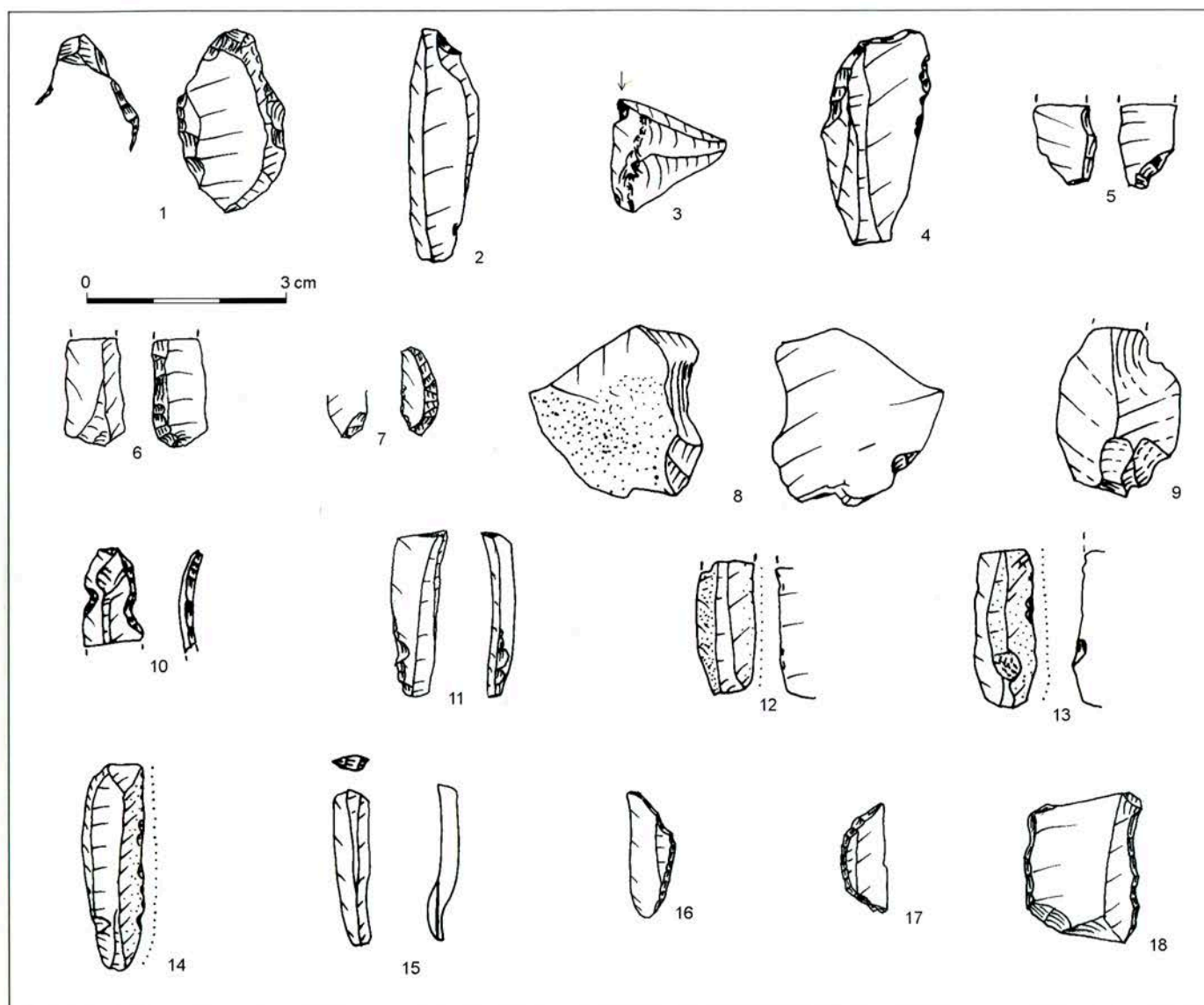


FIGURA 18 – Gaio, 1994. Indústria em pedra lascada. **1** – Furador espesso sobre lasca, em sílex, com talão eliminado e bolbo proeminente; **2** – Ponta atípica sobre lamela, em sílex, com talão reduzido e bolbo difuso; **3** – Butil de ângulo sobre lasca de crista, em sílex, com talão reduzido e bolbo parcialmente eliminado; **4** – Lâmina estreita de bordo abatido parcial, em sílex, com talão facetado e bolbo médio; **5** – Fragmento proximal de lamela de bordo abatido rectilíneo, em sílex, com talão facetado e bolbo difuso; **6** – Fragmento proximal de lamela de bordo abatido rectilíneo, em sílex, com talão eliminado pelo retoque e bolbo médio; **7** – Lamela de bordo abatido, apontada, em sílex, com vestígio de uso no bordo bruto, talão reduzido e bolbo parcialmente eliminado; **8** – Entalhe sobre lasca, em sílex, com talão liso e bolbo parcialmente eliminado; **9** – Denticulado sobre lasca, em quartzo leitoso, com talão facetado e bolbo parcialmente eliminado; **10** – Fragmento distal de lamela denticulada, em sílex; **11** – Lamela com retoque simples, marginal e parcial, em sílex, com talão facetado e bolbo difuso; **12** – Fragmento proximal de lamela com lustre de cereal, em sílex, com talão liso e bolbo médio; **13** – Lamela, fragmentada na extremidade distal, com lustre de cereal, em sílex, com talão facetado e bolbo parcialmente eliminado; **14** – Lamela com lustre de cereal, em sílex, com talão reduzido e bolbo médio; **15** – Truncatura sobre lamela, em sílex, com talão reduzido e bolbo difuso; **16** – Triângulo, em sílex; **17** – Crescente, em sílex; **18** – "Geométrico" atípico rectangular, sobre lâmina estreita, em sílex, com bordo oposto à truncatura transformado por retoque.

portes laminares em 5,8% e lascas em 57,7%. Consta-se, pois, um relativo equilíbrio entre lascas e produtos alongados, que importa valorizar neste conjunto artefactual cujo índice de especialização (elementos de projectil / utensílios retocados x100) é relativamente baixo (9,3). Este resultado enquadra-se bem em uma economia de largo espectro.

Os grupos tipológicos menos especializados encontram-se, portanto, melhor representados, em consonância com a fraca especialização deste conjunto artefactual. Referimo-nos ao grupo dos entalhes e denticulados (19,2%).

Por ordem decrescente do número de efectivos, seguem-se os grupos das peças com vestígios de uso (17,3%) e das peças com bordo abatido, com 15,4%, dominado por suportes lamelares.

Importa sublinhar a presença de truncaturas sobre lamela, tipo morfotécnico que, na ausência de microburis, pode apontar para uma outra técnica de manufactura de geométricos (fractura por flexão e execução de truncatura através de retoque abrupto).

O grupo dos geométricos encontra-se representado somente por dois segmentos e por uma peça atípica, de morfologia rectangular, elaborada sobre fragmento de lâmina, através do característico retoque abrupto.

O grupo das peças com lustre de cereal, onde se incluem somente três lamelas, deve ser valorizado pela sua presumível associação à prática de agricultura, num povoado onde os utensílios em pedra polida e bojardada são raros, e de cuja localização geográfica se infere uma muito provável economia de base estuarina.

O retoque invasor, à semelhança do observado em outros contextos do Neolítico antigo, é aqui claramente minoritário, estando presente em duas lascas incluídas no grupo dos diversos.

CERÂMICA

A cerâmica do nível neolítico (C.2) apresenta-se muito fragmentada e alguma mostra sinais de corrosão química resultante de lixiviação. Dos 513 fragmentos provenientes de uma área com cerca de 33m², verificou-se que 133 (35,3%) possuem dimensão máxima inferior ou igual a 25mm. Os restantes 332 só raramente conservam dimensão máxima superior a 100mm. Porém, são escassos os vestígios de rolamento, o que parece indicar ser esse elevado grau de fragmentação devido ao pisoteamento, mais do que a acções naturais de transporte. Documentou-se a ocorrência de migração hori-

zontal de fragmentos pertencentes aos mesmos recipientes: os fragmentos GM/96-116-143-144, pertencentes a um mesmo vaso, distribuíam-se pelos Qs. M3, N3 e Q1; os fragmentos GM/82-121-131-133, de um outro recipiente, dispersavam-se pelos Qs. N1, M19 e P18; os fragmentos GM/105-125, de um terceiro recipiente, pelos Qs. N19 e O19; e os fragmentos GM/92-111, de um quarto vaso, pelos Qs. Q1 e Q18.

Considerando a remoção de 6,6 m³ de terras da C.2, a densidade média da cerâmica é de cerca de 78 frags/m³ (50 frags/m³ se atendermos somente aos fragmentos de dimensão máxima igual ou superior a 25 mm).

A distribuição espacial da cerâmica (Fig. 10) mostra notória concentração no Q.O19 e nos quadrados imediatamente adjacentes, coincidindo com a localização do cinzeiro 6A-6B (Q. O19), e das lareiras 3 e 4 (Qs. M20, O1 e O20); a última possuía no seu interior 14 fragmentos > 25mm o que sugere funcionalidade essencialmente culinária; a estrutura 6A-6B ter-se-á comportado como fossa de acumulação dos detritos (cinzas, alguns termoclastos, fragmentos de recipientes cerâmicos) resultantes da actividade de combustão processada nas estruturas 3 e 4.

Para nascente e sul (fiadas R e S e 2 e 3), nota-se nítido rareamento do material cerâmico, não obstante a presença nessas zonas das estruturas de combustão 5 (Q. O2-3), 8 (Q. O3), 9 (Q. Q2) e 1 (Qs. R-5/20).

Identificou-se um número mínimo de 41 recipientes (fragmentos com bordo) e obteve-se uma amostra constituída por 64 espécimes providos de atributos com interesse tipológico (bordo e/ou decoração). Na sua análise, foram considerados os seguintes itens: textura da pasta (por observação macroscópica); cor/condições de cozedura; forma geral do recipiente; morfologia do bordo; tratamento das superfícies e decoração.

A pasta é predominantemente compacta (58%) e grosseira (com abundantes e.n.p. > 0,5mm e ≤ 1mm e escassos > 1mm) – 79%. As pastas fina (com escassos e.n.p. > 0,5mm) e muito grosseira (com abundantes e.n.p. > 1mm) estão mal representadas (5% e 17%, respectivamente).

A análise da cor, tendo em vista uma aproximação ao conhecimento dos ambientes de cozedura a que os diversos exemplares foram submetidos, mostra que estes, não obstante as suas superfícies (sobretudo a externa) se apresentarem predominantemente acastanhadas/avermelhadas (Munsell 2.5 YR 4/4, 2.5 YR 5/6, 5 YR 5/4, 7.5 YR 4/4, 7.5 YR 5/4), foram submetidos a cozedura irregular, predominantemente

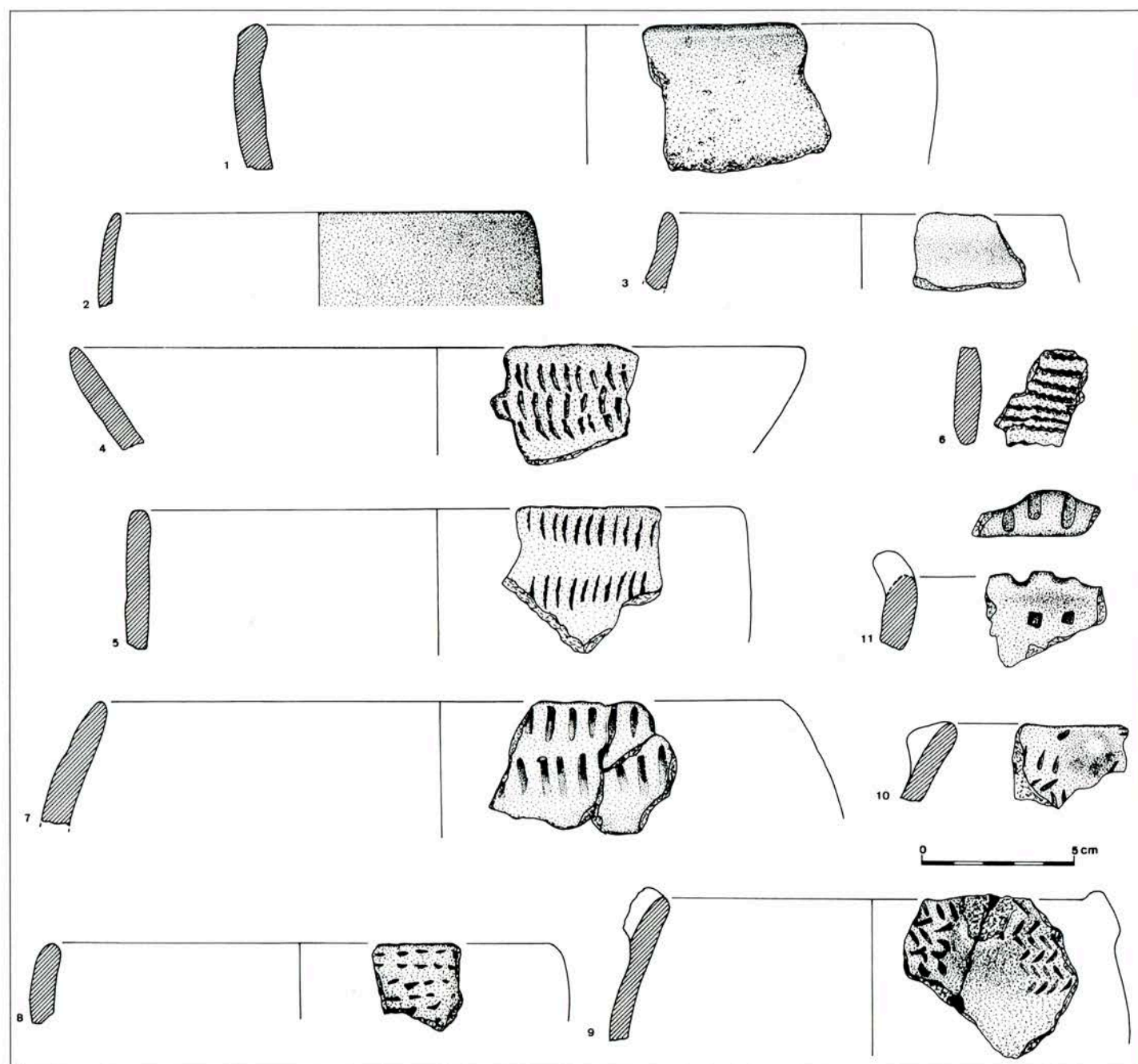


FIGURA 19 – Gaio, 1994. Cerâmica lisa (n.ºs. 1-3), impresa (n.ºs. 4-8) e impresa e plástica (n.ºs. 9-11).

reduzida; a fase de arrefecimento ocorreu, porém, em ambiente em geral oxidante. São, assim, muito frequentes os exemplares cuja fractura oferece a zona superficial interna acinzentada/negra e a zona superficial externa acastanhada/avermelhada ou uma zona nuclear acinzentada/negra entre zonas superficiais acastanhadas/avermelhadas.

As formas repartem-se por dois grandes grupos: taças em calote e recipientes esferoidais/ovóides, cada um deles representado por igual número de exemplares. Os bordos são simples, de um modo geral direitos ou rectos e predominantemente verticais ou sub-verticais; dois são ligeiramente extrovertidos e um é ligeiramente introvertido. Possuem lábio quase sempre convexo (simétrico em 22 exemplares, e assimétrico em 11); só um apresenta lábio em bisel, assimétrico; 4 são planos.

A esmagadora maioria dos espécimes analisados oferece superfícies alisadas/bem alisadas, sendo escassos (sobretudo no que se refere à superfície externa) os que as têm mal alisadas, e mais raros ainda os que mostram sinais de polimento.

A razão entre os 46 fragmentos decorados e o número mínimo de recipientes (índice de decoração) é de 1,1.

Na decoração, localizada na parte superior dos recipientes, imediatamente abaixo do bordo na maioria dos casos, foram utilizadas as técnicas da impressão, incisão e plástica, com as seguintes frequências:

- Impressa: 14;
- Incisa: 16;
- Plástica: 4;
- Impressa e incisa: 4;
- Impressa e plástica: 4;
- Impressa, incisa e plástica: 1.

Identificaram-se os seguintes tipos de impressões:

- Cardiais. Ocorrem em 3 exemplares sob a forma de curtos traços verticais organizados em bandas horizontais (GM/92-111 e GM/142), ou de série de linhas horizontais (GM/91).

- Em bastonete. Impressões obtidas através de punção actuado obliquamente. São das mais comuns (11 exemplares), manifestando-se isoladamente ou associadas a outros motivos, incisos e/ou plásticos; organizam-se em fiadas horizontais (GM/94, GM/96, GM/100, GM/102, GM/108) ou, mais raramente, verticais (GM/87), formando, frequentemente, bandas de "espigas", quase sempre associadas a mamilos ou asas.

- Triangulares, obtidas por espátula actuada subverticalmente. Formam fiadas horizontais (GM/124, GM/134, GM/136). Surgem em 4 exemplares, isoladamente.

- Quadrangulares, obtidas por matriz de secção qua-

drangular actuada verticalmente. Organizam-se em fiadas horizontais, associadas a mamilo em lingueta existente sobre a linha do bordo (1 exemplar – GM/97).

Recorreu-se à técnica da impressão para segmentar alguns lábios de bordos não espessados (4 exemplares: GM/88, GM/105-125, GM/113, GM/141). Em 2 exemplares (GM/113 e GM/105-125), além do lábio, a zona situada imediatamente abaixo do bordo foi decorada por motivos em "espiga", incisos.

No exemplar GM/97, a parte superior do mamilo em lingueta foi segmentada por impressões rectangulares.

Os motivos incisos foram obtidos por meio de punção de extremidade aguçada – incisões finas (11 exemplares) – e de punção de extremidade romba – caneluras (5 exemplares). Uma variante desta última técnica consistiu na utilização de punção de extremidade truncada que, ao ser arrastado, produziu sulcos de secção rectangular que podem atingir 4mm de largura (2 exemplares).

Incluímos a técnica do penteado (2 exemplares) no grupo da cerâmica incisa.

No que se refere às incisões finas, identificámos os seguintes motivos, que surgem isoladamente ou associados a outros incisos, impressos ou plásticos:

- Traços rectilíneos, aparentemente contínuos e horizontais (GM/114, GM/126).

- Traços irregulares, sub-horizontais, com curtas interrupções; organizam-se em banda vertical, interrompida lateralmente e associada a asa alongada de perfuração vertical (GM/91).

- Segmentos de recta verticais e paralelos, de traçado irregular (sugerem impressões cardiais), organizados em bandas horizontais (GM/104).

- Segmentos de recta oblíquos e paralelos de traçado muito irregular, que formam banda horizontal (GM/10).

- Traços oblíquos e paralelos organizados em bandas horizontais limitadas por traços rectilíneos (GM/93,126).

- "Espigas" dispostas horizontalmente, organizadas em bandas quase sempre verticais e interrompidas lateralmente (GM/99, GM/105-125, GM/113).

- Espiga vertical segmentada longitudinalmente, limitada lateralmente por traços rectilíneos também verticais a que se associam pequenas impressões em bastonete dispostas ao longo dessas composições (GM/87).

Além destes motivos obtidos por incisão fina e à semelhança do que se verificou com a técnica da impressão, há

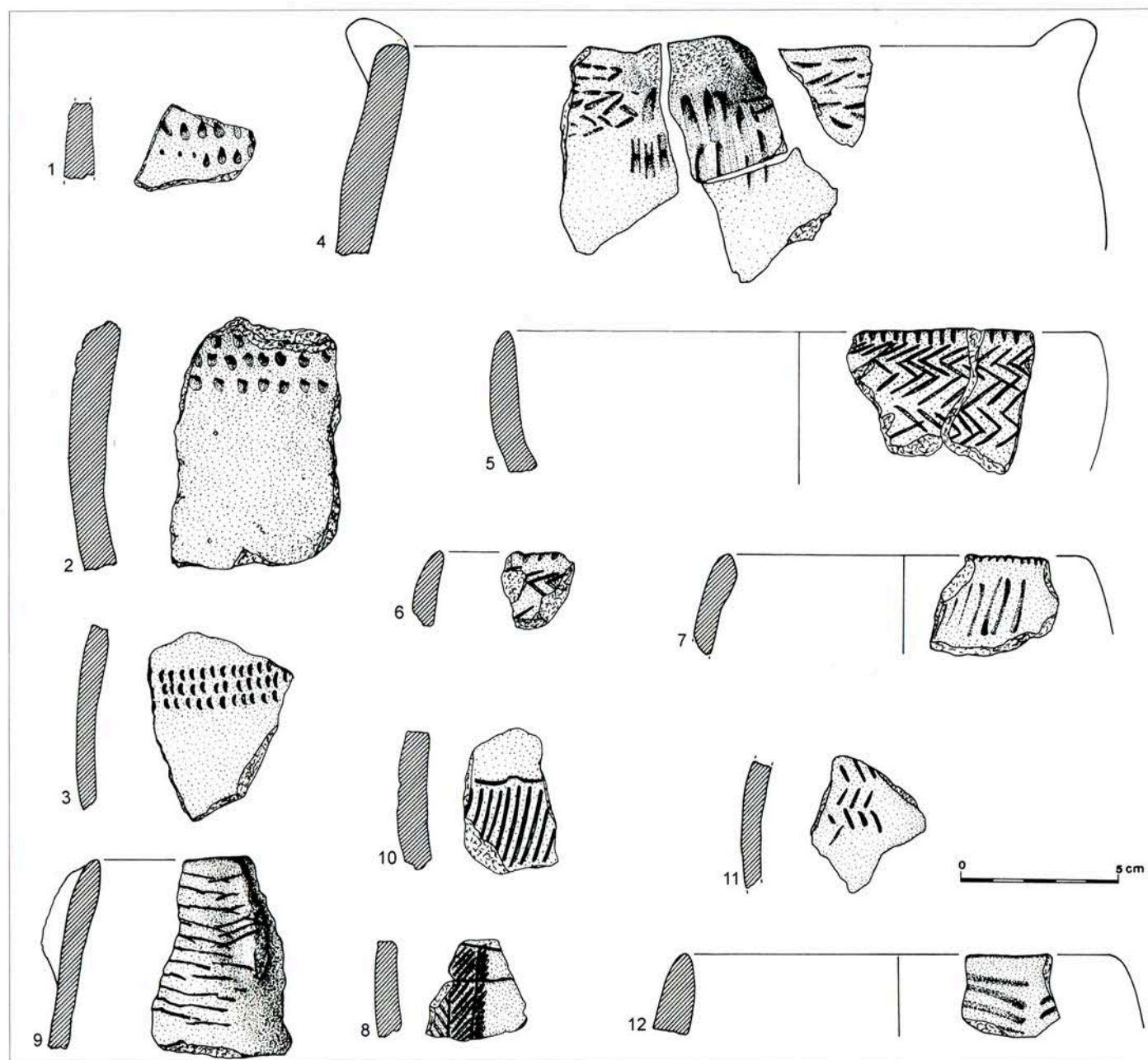


FIGURA 20 – Gaio, 1994. Cerâmica impressa (n.ºs. 1-3), impressa e incisa (n.ºs. 5-8), impressa, incisa e plástica (n.º. 4), incisa e plástica (n.º. 9) e incisa (n.ºs. 10-12).

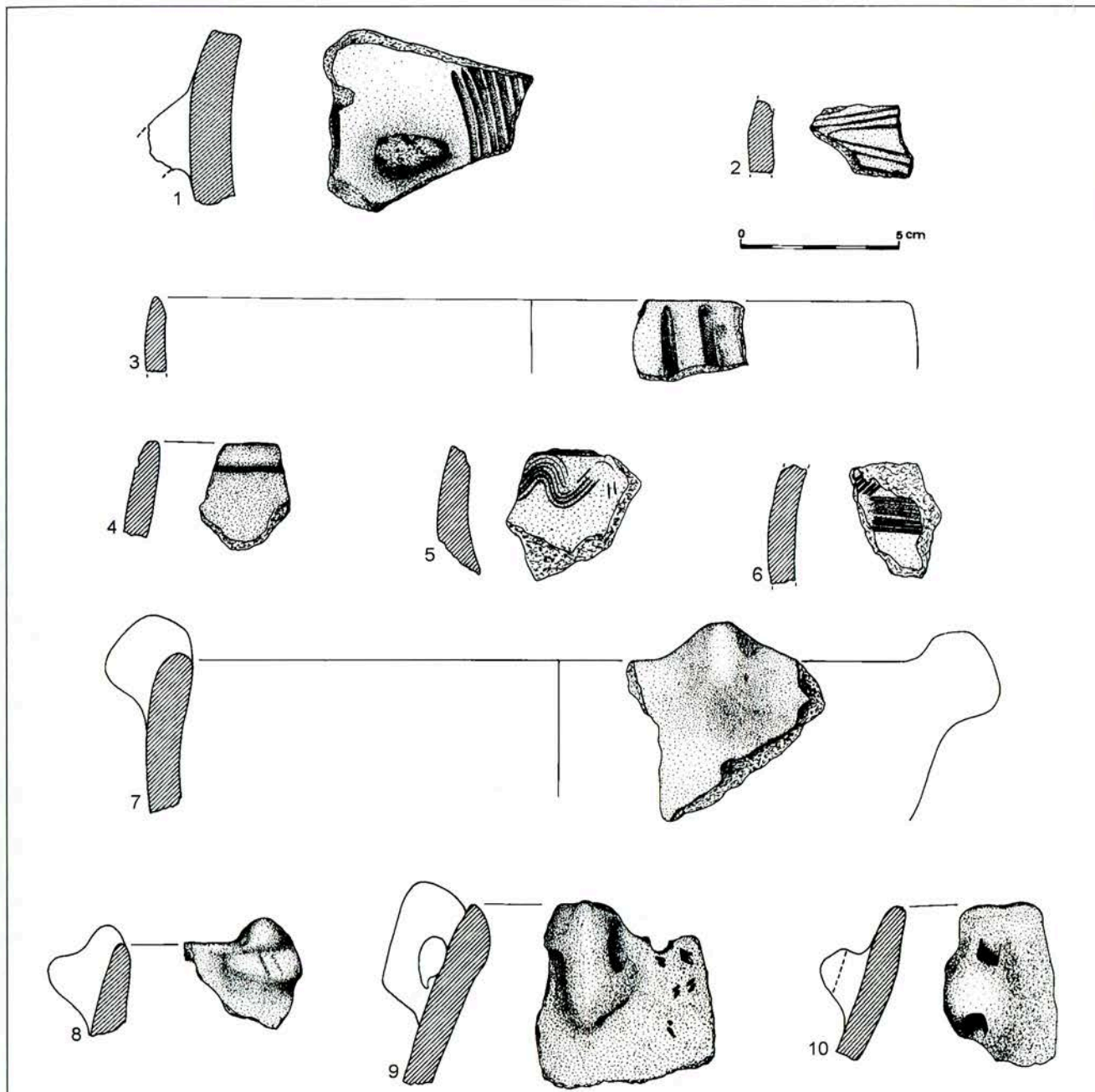


FIGURA 21 – Gaio, 1994. Cerâmica incisa (nºs. 2-4), incisa e plástica (nº. 1), penteada (nºs. 5 e 6) e plástica (nºs. 7-10).

ainda a referir exemplares cujo lábio (sem qualquer espessamento) foi segmentado por curtas incisões perpendiculares à linha do bordo.

As caneluras podem reduzir-se a um traço rectilíneo e horizontal, situado imediatamente abaixo do bordo (1 exemplar – GM/87), ou integrar séries de traços paralelos e horizontais, em alguns casos (1 exemplar – GM/95) aparentemente contínuos, em outros (2 exemplares – GM/93, GM/117) interrompidos lateralmente. O exemplar GM/83 oferece séries de traços oblíquos convergentes.

Sulcos largos obtidos através do arrastamento de espátula estão representados em 2 exemplares: no GM/96 são curtos segmentos de recta verticais, paralelos entre si, que se desenvolvem a partir da base de um mamilo; no GM/129, observam-se traços verticais e paralelos que se desenvolvem a partir da linha do bordo.

O penteado foi utilizado na obtenção de traços paralelos e horizontais associados ou a ondulações (1 exemplar de superfície almagrada – GM/82-121-131-133), ou a séries de traços oblíquos (1 exemplar – GM/106).

Os sistemas de suspensão/preensão, que teriam, em muitos casos, também funções decorativas, comportam:

- Mamilos cónicos, situados quer sobre o lábio (2 exemplares) – em um caso (GM/115), o mamilo associa-se a lingueta horizontal localizada imediatamente abaixo da linha do bordo –, quer na parte superior do bojo (GM/100);
- Mamilo em lingueta sobre o lábio (GM/97);
- Mamilos alongados segundo a vertical, localizados ou em pleno bojo (GM/81), ou na parte superior deste, sobrelevando-se em relação ao plano da boca do recipiente (GM/103);
- Mamilo sub-cónico perfurado verticalmente e situado junto ao bordo (2 exemplares – GM/95, GM/140);
- Asas de perfuração vertical (2 exemplares – GM/90 e GM/95)
- Asa alongada, de perfuração vertical – em túnel? (1 exemplar – GM/91);
- Asa de perfuração horizontal, situada junto ao bordo, encimada por protuberância mamilar que se sobreleva em relação ao plano da boca do vaso (1 exemplar – GM/95).

Estes elementos plásticos surgem, na sua maioria, associados a decoração impressa e/ou incisa.

CONCLUSÕES

A cerâmica do Gaio, pelas suas características gerais, sobretudo no que se refere ao "barroquismo" da decoração

(técnica de impressão a par da técnica da incisão; acentuada diversidade de matrizes, incluindo o recurso à concha do *Cardium*; incisões finas e caneluras; lábios simples segmentados por impressões ou incisões; presença de canelura horizontal imediatamente abaixo do bordo; mamilos sobrelevados em relação ao plano da boca dos recipientes; meios de preensão/suspensão de tipo asinha de perfuração vertical ou horizontal, por vezes encimados por mamilos) insere-se claramente no chamado Neolítico antigo evolucionado do Centro e Sul de Portugal (Tavares da Silva, 1993 e 1997). Durante este horizonte cronológico-cultural, datável de finais do VI milénio cal BC e da primeira metade do milénio seguinte (Simões, 1999: Quadro 7; Soares 1997: Quadro I), nota-se uma maior dispersão e densidade da ocupação humana no território hoje português, em relação ao observado no Neolítico antigo pleno. Os vestígios arqueológicos do Neolítico antigo evolucionado abrangem novas áreas do interior Sul (Gaspeia, Valada do Mato, Xarez 12 – Diniz, 2000; Gonçalves, 2002), Centro e Norte do País (Carvalho, 1999; Sanches, 1997; Valera, 2000), ao mesmo tempo que se assiste a uma certa diversificação do padrão locativo dos habitats de ar livre (Soares, 1995), como é ilustrado por São Pedro de Canaferrim, localizado na vertente SE da Serra de Sintra, à cota de 395 metros (Simões, 1999). As estratégias de subsistência e de mobilidade continuam, pelo menos no Sul, a obedecer aos padrões vigentes no Neolítico antigo pleno e que haviam emergido no Mesolítico – ou seja, a um sistema de mobilidade logístico integrado por estabelecimentos de base, onde se desenvolvia uma estratégia de subsistência de largo espectro, e por estabelecimentos especializados e de curta duração.

É patente uma progressiva intensificação da produção económica baseada no crescente domínio da agro-pastorícia que conduzirá, no fim do período, à afirmação do modo de produção doméstico, cuja manifestação superestrutural mais evidente é o fenómeno megalítico (Soares e Tavares da Silva, 2000; Tavares da Silva, 1997). É, pois, neste quadro que deveremos situar a jazida neolítica, de ar livre, do Gaio.

Uma das contribuições mais relevantes do estudo da ocupação neolítica do Gaio reside no facto de se ter exumado uma indústria em pedra lascada bem contextualizada e datável do Neolítico antigo evolucionado. Essa indústria, destituída do subsistema tecnológico expedito, em consonância com uma ocupação relativamente estável, utilizou quase só o sílex e o quartzo leitoso, matérias-primas em parte transportadas pelo rio. O talhe, realizado preferencialmente a partir de

volumes prismáticos, segundo padrões tipométricos de dimensões reduzidas, parece ter sido dirigido para a obtenção de suportes lamelares, dominantes no conjunto dos produtos de debitação e muito bem representados na utensilagem propriamente dita. Esta revela-se pouco especializada, como convinha a uma economia de amplo espectro. A presença de lamelas com lustre de cereal constitui indício da prática de agricultura, em um contexto geográfico onde a pesca e a recollecção de marisco devem ter desempenhado um papel importante, infelizmente sem possibilidades de confirmação, em resultado das más condições de conservação dos materiais de origem orgânica.

Em termos culturais, a indústria lítica do Gaio deixa perceber, designadamente através dos padrões tipométricos, a sua filiação na tradição mesolítica regional; as lâminas são ainda muito raras, mas o aparecimento de peças atípicas ou pouco estandardizadas, como o geométrico rectangular, a tímida presença de retoque invasor (Carvalho, 1998), e, em especial, as lamelas com lustre de cereal marcam bem a passagem do tempo neolítico.

No que se refere à organização da actividade de talhe da pedra, verificámos que a mesma se encontrava espacialmente concentrada em torno de estruturas de combustão, aliás de acordo com o frequente recurso à técnica do aquecimento prévio da matéria-prima; o uso dos artefactos líticos nas tarefas domésticas associava-se à utilização da olaria em espaços distintos do primeiro, também eles polarizados pelo fogo como é sugerido pela distribuição espacial dos artefactos líticos e cerâmicos, e atestado por estalamentos e fissuras térmicas presentes em um total de 18 peças em sílex.

A relação centesimal entre recipientes cerâmicos e utensílios líticos retocados, no valor de 79%, sintetiza bem o carácter estável da ocupação neolítica do Gaio, igualmente documentado pela relativamente elevada densidade da distribuição espacial do material cerâmico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CARVALHO, A.F., 1998. *Talhe da pedra no Neolítico Antigo do maciço calcário das serras d'Aire e Candeeiros (Estremadura portuguesa). Um primeiro modelo tecnológico e tipológico*. Lisboa, Edições Colibri.
- CARVALHO, A.F., 1999. Os sítios de Quebradas e de Quinta da Forninha (Vila Nova de Foz Côa) e o Neolítico antigo do Baixo Côa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, Vol. 2, nº 1, p. 39-70.
- DINIZ, M., 2000. Neolitização e megalitismo: arquitecturas do tempo no espaço. In V.S. Gonçalves ed., *Muitas antas, pouca gente?* (Actas do I Colóquio Internacional sobre o Megalitismo), Lisboa, Instituto Português de Arqueologia, p.105-116.
- GONÇALVES, V. S., 2002. Duas áreas de inesperado avanço sobre a vida e a morte das antigas sociedades camponesas do Guadiana médio. A mega-operação Alqueva: um balanço dos blocos 3 e 6 em fins de 2002. *Al.madan*, II Série, nº 11, p. 99-108.
- SANCHES, M.J., 1997. *O abrigo do Buraco da Pala (Mirandela) no contexto da Pré-história recente de Trás-os-Montes e Alto Douro*, Porto, GEAP.
- SIMÕES, T., 1999. *O sítio neolítico de São Pedro de Canaferrim, Sintra. Contribuição para o estudo da neolitização da península de Lisboa*. Lisboa, Instituto Português de Arqueologia.
- SOARES, J., 1995a. Mesolítico-Neolítico na Costa Sudoeste: transformações e permanências. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia (Actas do 1º Congresso de Arqueologia Peninsular)*, vol. XXXV, Fasc. 2, p. 27-45.
- SOARES, J., 1995b. Para uma reconstrução do processo de neolitização em Portugal. *Ophiussa*, 1 (no prelo).
- SOARES, J., 1997. A transição para as formações sociais neolíticas na Costa Sudoeste portuguesa, In A. Rodrigues Casal ed., *O Neolítico Atlântico e as Orixes do Megalitismo (Actas do Colóquio Internacional)*, Santiago de Compostela, p. 587-608.
- SOARES, J.; TAVARES DA SILVA, C., 2000. Proto-megalitismo no Sul de Portugal: inauguração das paisagens megalíticas. In V.S. Gonçalves ed., *Muitas antas, pouca gente?* (Actas do I Colóquio Internacional sobre Megalitismo), Lisboa, Instituto Português de Arqueologia; p. 117-134.
- TAVARES DA SILVA, C., 1993. O Neolítico Antigo. *Pré-história de Portugal*, Lisboa, Ed. Universidade Aberta, p. 149-165.
- TAVARES DA SILVA, C., 1997. O Neolítico antigo e a origem do Megalitismo no Sul de Portugal. In A. Rodrigues Casal ed., *O Neolítico Atlântico e as Orixes do Megalitismo (Actas do Colóquio Internacional)*, Santiago de Compostela, p. 575-585.
- VALERA, A. C., 2000. A problemática da neolitização dos territórios do interior : o caso da bacia do alto e médio Mondego. *Por Terras de Viriato. Arqueologia da Região de Viseu*, Lisboa, Museu Nacional de Arqueologia, p. 15-22.